

Contexto e tradução

Hatim & Mason

ANÁLISE DE REGISTRO EM HATIM & MASON

Modelo sistêmico funcional: uma teoria social da linguagem

Para mim, uma teoria linguística funcional é aquela que procura explicar a estrutura linguística, assim como os fenômenos linguísticos, com relação à noção de que a língua desempenha um papel determinado em nossas vidas, de que é necessária para servir a certos tipos universais de demandas.

Michael HALLIDAY *apud* HATIM, Basil; MASON, Ian. (1990/1995)
Teoría de la traducción: una aproximación al discurso.
Barcelona: Ariel, 1995, p. 53.

Línguas e “sublínguas”: a variação linguística

O conceito de língua como tal é tão vasto e heterogêneo que acaba não sendo operativamente útil para múltiplas finalidades linguísticas: descritivas, comparativas, pedagógicas. Seria, portanto, desejável contar com um quadro de categorias para a classificação de <<sublínguas>> ou variedades que existem numa língua.

John C. CATFORD *apud* HATIM, Basil; MASON, Ian. (1990/1995)
Teoría de la traducción: una aproximación al discurso.
Barcelona: Ariel, 1995, p. 55.

Duas dimensões para descrever a variação linguística (HALLIDAY, McINTOSH & STREVENS: 1964)

DIALETOS. Têm relação com a figura do usuário num fenómeno linguístico: quem ou o que é o falante ou o escritor.

REGISTROS. Noção relacionada com o uso a que um usuário destina a língua.

HATIM, Basil; MASON, Ian. (1990/1995)
Teoría de la traducción: una aproximación al discurso.
Barcelona: Ariel, 1995, p. 56.

USUÁRIO - Dialeto	USO - Registro
geográfico	campo do discurso
temporal	modalidade do discurso
social	tom do discurso (relação)
não estandarizado	
idioleto	

Referências das quais parte esse quadro usuário-uso:

HALLIDAY, M. A. K.; McINTOSH, A.; STREVENS, P. (1964) *The Linguistic Sciences and Language Teaching*. Londres: Longman.

GREGORY, M.; CARROLL, S. (1978) *Language and Situation, Language Varieties and their Social Contexts*. Londres: Routledge / Kegan Paul.

VARIAÇÃO RELACIONADA COM O USO DA LÍNGUA: REGISTRO

Existe uma relação entre uma dada situação e a linguagem utilizada nela. Registro é o termo empregado para o tipo de variedade que se distingue dessa forma, ou seja, de acordo com o uso.

“A categoria de registro procura dar conta do que as pessoas fazem com a língua. Quando observamos a atividade linguística nos variados contextos em que ocorre, encontramos diferenças no tipo de linguagem que é selecionada como apropriada para os diferentes tipos de situação.”

HALLIDAY *et al.* (1964: 87) *apud* HATIM, Basil; MASON, Ian. (1990/1995)
Teoría de la traducción: una aproximación al discurso.
Barcelona: Ariel, 1995, p. 64

VARIAÇÃO RELACIONADA COM O USO DA LÍNGUA: REGISTRO

Os registros se definem como as diferenças na gramática, vocabulário, etc., que há entre duas amostras de atividade linguística; por exemplo, um comentário esportivo ou um sermão na igreja.

Três tipos de variação por registro: campo do discurso, modalidade do discurso, tom do discurso (relação).

A categoria *situação* não deve ser limitada ao acontecimento ou circunstância da que se está falando. Isso não basta para determinar as escolhas linguísticas efetuadas. Maior importância para estabelecer a relação entre situação é uso deve ser dada à *convenção* de acordo com a qual uma determinada realização oral é considerada apropriada para certo uso.

HATIM, Basil; MASON, Ian. (1990/1995) *Teoría de la traducción: una aproximación al discurso*.

Barcelona: Ariel, 1995, p. 64-65

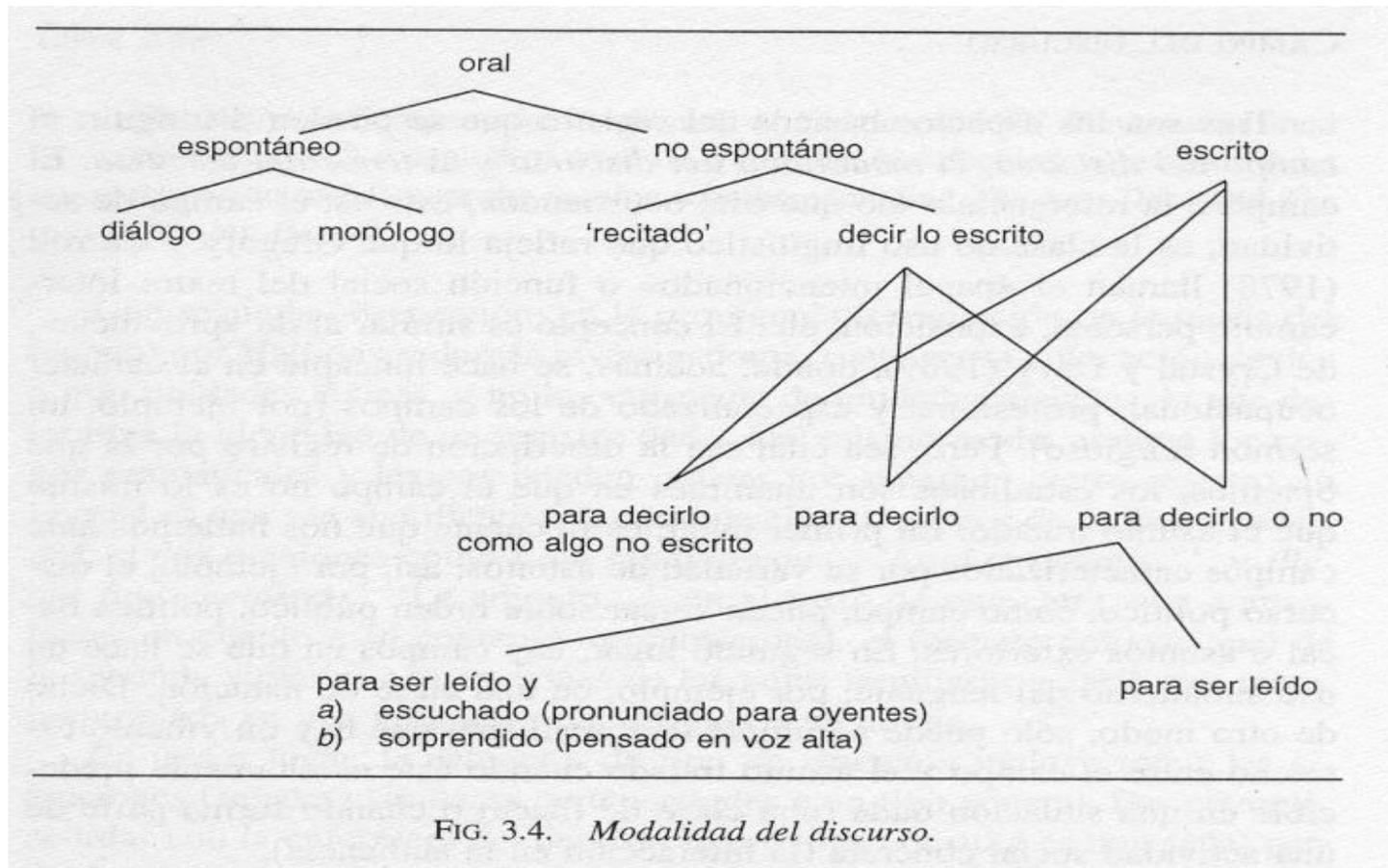
CAMPO DO DISCURSO

O campo de atividade, a referência “ao que está acontecendo”, o papel intencional ou função social do texto: interação pessoal, exposição, etc.

Além disso, fala-se de caráter ocupacional, profissional, dos campos, por exemplo, um sermão religioso, um discurso político, uma aula de natação.

MODALIDADE DO DISCURSO

Variadas combinações às quais a diferenciação básica entre o oral e o escrito pode dar lugar.



TOM DO DISCURSO (RELAÇÃO)

Transmite a natureza da relação entre o falante e o ouvinte.

Pode ser analisado por meio de distinções básicas como a gradação educado-coloquial-íntimo, numa escala de categorias em que os extremos são o formal e o informal.

Esse tipo de variação se mostra relevante quando se traduz para línguas culturalmente distantes entre si.

UM FALANTE FALA EM MUITOS REGISTROS.

PODE HAVER MUDANÇAS DE REGISTRO DENTRO DO MESMO TEXTO.

SOBRE O REGISTRO

“Na verdade, há superposições entre as três variáveis: campo, modalidade e tom. Os valores que derivam das dimensões do uso linguístico nos ajudam a definir e a identificar registros. As três variáveis são interdependentes: assim, por exemplo, um nível determinado de formalidade (tom [relação]) favorece e é favorecido por um alto nível de tecnicismo (campo) num canal de comunicação apropriado (modalidade)”.

p. 69

“Dada a ausência de critérios formais rigorosos para distinguir um registro de outro, nunca foi fácil discernir com precisão as fronteiras de um registro determinado. Sempre há o risco de identificar de modo simplista um registro determinado com uma situação concreta, dando assim lugar às ditas <<linguagens especiais>>: da política, da publicidade, do jornalismo, etc. Generalizações como essas podem confundir, e é importante estar atentos à natureza multifuncional dos textos [...]”.

p. 69

SOBRE O DIALETO GEOGRÁFICO

“É [...] essencial que um tradutor ou intérprete tenha plena consciência da variação geográfica, assim como de suas possíveis implicações ideológicas e políticas. O sotaque, por exemplo, é um dos traços da variação geográfica mais facilmente detectáveis e, com frequência, é uma fonte de problemas. Consideremos, por exemplo, a controvérsia que houve há alguns anos na Escócia sobre o uso de sotaques escoceses para representar a fala dos camponeses russos na dramatização para televisão de uma obra estrangeira. Isso permitia inferir que o acento escocês podia ser de algum modo associado às baixas camadas sociais, o que não era, sem dúvida, a intenção. Assim como os produtores ou diretores, os tradutores precisam estar sempre alertas para as implicações sociais de suas escolhas.”

p. 57

“A representação num texto-fonte de um dialeto geográfico específico cria um problema ineludível: que dialeto da língua de chegada se deveria usar?”

p. 57

SOBRE O DIALETO GEOGRÁFICO

“É patente a dificuldade de conseguir uma equivalência dialetal para quem já traduziu textos para serem encenados. Se o dialeto do texto-fonte for traduzido usando a norma culta padrão da língua-meta, a desvantagem é que os especiais efeitos de sentido dependentes do dialeto no texto-fonte serão perdidos; enquanto que, se a opção for traduzir um dialeto por outro dialeto, corre-se o risco de criar efeitos distintos dos pretendidos”.

p.58

Nos casos em que a variedade regional tem a função de “evidenciar a <<estigmatização>> sociolinguística do usuário”, seria possível talvez representar a posição social do usuário, na tradução, por um uso não padrão da gramática ou pela variação deliberada do léxico da língua-meta.

Dois casos para pensarmos a partir do dialeto e do registro...

Carta escrita para a protagonista por seu namorado em romance de Puig, numa das traduções brasileiras.

Cosquín, sábado, 3 de julho de 1937

MINHA QUERIDA:

Como vês, cumpro a minha promessa, claro que um pouco mais e se vence o prazo, pois amanhã a semana já termina. E você, como vai passando? Tenho certeza de que não se lembra mais deste que lhe escreve, embora parecesse que ias precisar de um lençol para enxugar as lágrimas, para não falar do fungar da despedida, mas estou certo de que esta noite mesmo se me descuido acabarás indo dançar. Afinal de contas, nem chegaste a chorar tanto assim, apenas umas lagrimazinhas de crocodilo, o que para uma mulher afinal não custa muito.

Minha riqueza, que estás fazendo a esta hora, neste sábado? Gostaria de saber, será que estás fazendo a sesta? Bem enroladinha? Quem me dera ser travesseiro para estar perto de ti. Bolsa d'água para esquentar os pés, melhor não, pois eles podem estar sujos, prefiro ser travesseiro. Pois assim poderás me consultar e quem sabe aquilo de que tomarei conhecimento, uma cigana velha me disse que desconfiasse das louras, que vais perguntar ao travesseiro? Se perguntares quem gosta de ti ele naturalmente responderá que sou eu, como men-

A carta no texto-fonte, com vários erros ortográficos que foram “corrigidos” na tradução.

Cosquín, sábado 3 de julio de 1937

Querida mía:

Como ves cumplo con mi promesa, claro que un poco más y se me vence el plazo, ya mañana termina la semana. ¿Y vos cómo andás? seguro que ya ni te acordás del que suscribe, viste tanto que parecía que ibas a necesitar una sábana para secarte las lágrimas y los moquitos de la despedida, y esta noche si me descuido ya te me vas a la milonga. Al final tanto no yoraste, apenas unas lagrimitas de cocodrilo, que a una mujer al fin y al cavo mucho no le cuesta.

Ricura ¿que estás haciendo a esta hora hoy sábado? me gustaría saber ¿estás durmiendo la siesta? ¿bien tapadita? quien fuera almoada para estar mas cerca. Bolsa de agua caliente no me gustaría ser porque por ahí me resultás pata sucia y sueno. Sí, mejor no andar buscando cosas raras, mejor ser almoada, y por ahí me consultás y quién sabe de que me entero, una jitana vieja me dijo que desconfiara de las rubias ¿que le vas a consultar a la almoada? Si le preguntás quien te quiere te va a contestar que yo, cómo macanean las almoadas. . . Bueno, piba, te dejo un rató porque están sonando la

Tira cômica da personagem Inodoro, do quadrinista Fontanarrosa



In: GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad*. México: Grijalbo, 1990, p. 319-322.

A tradução proposta na publicação brasileira do livro de Canclini

